

Peixes e aquários

peças e cidades

a simbiótica relação entre
habitantes e seus locais

Nathalia Assmann Gonçalves

O filme *Aquarius* retrata uma questão bastante latente nas grandes cidades atuais: a especulação imobiliária. O enredo se desenrola a partir de uma não aceitação de venda do apartamento de propriedade de Clara. A empresa compradora pretende destruir o prédio no qual a protagonista reside e construir um novo condomínio mais luxuoso no local. A personagem se vê em um embate bastante simbólico com a construtora que já havia comprado todas as unidades do edifício, só restando a de Clara, que se vê sozinha no prédio cobiçado.

Digo simbólico o embate, pois a negativa se baseia menos em uma questão monetária, já que a oferta é de um valor bem elevado, e mais em uma razão subjetiva de preservação de

memória e apego afetivo ao ambiente. Nesse sentido, há uma evidente resistência à ideologia que reduz tudo e todos a um valor comercializável – isto é, abre margem a uma crítica à racionalidade mercadológica que atualmente se tornou regra nas grandes cidades. Esse embate fica bastante evidente, pois Clara pertence à classe média/alta, não necessitando de mais dinheiro para seguir sua vida já confortável no bairro de Boa Viagem em Recife. Nesse sentido, a protagonista não é seduzida por nenhuma quantia em dinheiro, devido sua condição social permitir essa escolha. Vale ressaltar que, caso a personagem e os habitantes desse prédio pertencessem a uma camada mais vulnerável e precária da sociedade, não haveria tanto diálogo como ocorreu no

**Nathalia Assmann
Gonçalves**

é graduada em Direito pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestranda em Direito pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

ago.nathalia@gmail.com

filme, conforme exemplos trágicos na história brasileira¹, em que famílias foram retiradas a base de força policial, mesmo quando preenchiam os requisitos de usucapião ou de concessão.

Entretanto, apesar de o filme não ter escolhido uma pessoa pertencente à camada social mais baixa não é perdida a credibilidade da crítica ao ganancioso mercado imobiliário que não mede esforços para atingir os seus objetivos por mais lucro individual. Clara bravamente se utiliza de sua posição privilegiada para afirmar que o apartamento em questão não possui preço, mas sim um enorme valor sentimental.

Observando por um viés de classe, a protagonista poderia ser uma cliente da construtora em questão, entretanto essa possível relação contratual não é concretizada. O filme pretende abordar a questão da especulação imobiliária a partir de uma negativa que é mais respeitada (por vir de uma classe mais abastada) do que aquela vinda de uma pessoa com menos recursos financeiros, restando aí uma crítica à valorização do valor de troca em relação ao valor de uso.

A protagonista vive de maneira empoderada em sua residência, ao rejeitar argumentos que afirmam ser perigoso uma mulher viver sozinha em um prédio. Nesse sentido, é colocado em xeque os “discursos prontos” de sua classe privilegiada, na medida em que Clara reconhece o seu local de fala e tenta articular maneiras de resistir a essa lógica dominante. Essa questão fica bastante evidente nos diálogos que trava com Diego, responsável pela empresa de construção, e também com seus filhos, que não compartilham, abertamente, de seu posicionamento contrário à venda.

É interessante que o “não” direcionado para quem normalmente ouve “sim” pode desencadear comportamentos bastante perversos, como se observou nas práticas não explícitas de retaliação à não cooperação. Como no caso de uma “festa” promovida pela construtora, exatamente no apartamento acima do de Clara, ocasionando uma sujeira desconcertante nas áreas comuns do edifício. Além desse caso, há também a sorrateira e clandestina colocação de cupins em vários apartamentos adquiridos pela empresa no prédio em que Clara ainda reside. Esse último fato é bastante metafórico, sendo o desfecho do filme, por representar os interesses do mercado na cidade, podendo ser feita uma alegoria, na qual os cupins representariam as empresas sedentas por lucro e metas financeiras e a madeira sendo a cidade e os habitantes que são fagocitados pelos interesses mercantis espe-

culatórios.

Interessante também observar que o filme pontua a questão do privilégio passado de geração em geração, tal qual no modelo aristocrático, mostrando que a riqueza se forma de maneira automática ao se pertencer à determinada família. Essa situação fica evidente no momento em que Diego afirma ser neto do dono da empresa de construção, mostrando um maior envolvimento de sua vida com a construtora, sendo também “uma questão de família” conseguir comprar o apartamento e iniciar o novo empreendimento. Isso também é demonstrado quando conversa com seu amigo jornalista, que afirma empregar quase toda sua família na redação do jornal. Esses fatos contribuem para que haja uma reflexão, também, sobre como que é de fato construída a elite brasileira, ou seja, qual é a lógica que rege esses “donos(as) de capital”, de que maneira se operam esses privilégios e como se refletem na formação da cidade que moramos. Por essa razão é que o retumbante “não” de Clara serve para negar não só a venda de sua unidade habitacional, mas também essa lógica de privilégios que é acostumada a receber somente “sim” por serem possuidoras do famigerado “valor de troca”. Conforme afirma Lefebvre (2011), a cidade e a realidade urbana dependem do valor de uso. O valor de troca e a generalização da mercadoria tendem a destruir, ao subordiná-las a si, a cidade e a realidade urbana, refúgios do valor de uso, embriões de uma virtual predominância e de uma revalorização do uso. Em outras palavras, em virtude do sistema econômico (que se tornou um modo de vida), o valor de uso foi subjugado pelo valor de troca. Essa realidade não considera os habitantes da urbe que constantemente se veem em embates operados por essa lógica.

Importante destacar que o filme deixa bastante claro que o lugar em que se vive é muito mais do que uma mera transformação em capital, ou como muitos afirmam “porto seguro em tempos de crise”; é também um ambiente em que resguardamos memórias, afetos e recordações. No caso de Clara, esse local foi importante na cura de um câncer, por vezes lembrado no filme, e palco da criação de seus filhos. Através de *flashes* de cenas do passado, se percebe um apego bastante emocional a essa moradia, que abrigou muitas celebrações e alegrias.

A trama mostra também a relação que Clara possui com o entorno do seu local de residência, indicando o quanto formamos redes de afeto ao residir em um ambiente; isto é, o quanto as trocas subjetivas e objetivas que estabelecemos em um local podem se modificar ao residir em outro endereço. Isso mostra que a nossa vida está intimamente conectada com as relações que o ambiente de moradia pode nos

¹ Como nas emblemáticas e violentas remoções que ocorreram no período dos grandes eventos sediados nas grandes cidades brasileiras, como a Copa e as Olimpíadas.

proporcionar.

O filme, sem dúvida, abre margem para a questão sobre “que tipo de cidade queremos?”, a qual, segundo David Harvey, não pode ser separada da questão do tipo de pessoas que queremos ser, que tipo de relações sociais buscamos, que relações com a natureza nos satisfazem mais, que estilo de vida desejamos levar, quais são os nossos valores estéticos. O direito à cidade é, portanto, muito mais do que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar a cidade de acordo com nossos mais profundos desejos. Além disso, é um direito mais coletivo que individual, uma vez que reinventar a cidade depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo sobre o processo de urbanização (HARVEY, 2014). A liberdade de fazer e refazer a nós mesmos e a nossas cidades é um dos direitos humanos mais preciosos, ainda que um dos mais menosprezados pelo fato de, inevitavelmente, ir de encontro aos interesses do mercado que visa o lucro e não o compromisso social, que visa metas e não a sustentabilidade social da urbe.

Dessa maneira, esse filme retrata um quadro que está cada vez mais comum nas grandes cidades, não só no Brasil, mas globalmente. Essa realidade urbana mercantilizada transforma em produto não só o local que utilizamos para viver, mas também a cidade como um todo; isto é, confundindo o preço com valor, como se tudo estivesse à venda e a serviço do capital. Nesse sentido, tendo em vista a relação simbiótica que nós, moradores das cidades, possuímos com as mesmas, deveríamos reivindicar esse direito democrático de uso a fim de contemplar todos e todas, de uma maneira coletiva e não individual. Portanto, em alusão ao nome do filme, somos tal qual peixes de aquário, dependentes de um ambiente não inóspito para sobreviver; somos pessoas da cidade que necessitamos de um ambiente socialmente acolhedor para que possamos (con)viver de uma maneira socialmente mais justa.

REFERÊNCIAS

- Filme **Aquarius**. Ano de produção: 2016; Direção: Kleber Medonça Filho. Duração: 142 minutos; Gênero: Drama; País de origem: Brasil
- HARVEY, David. **Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014. 294 p.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001. 143 p. ■

RESUMO

O premiado filme brasileiro, *Aquarius*, conta a história de uma moradora e proprietária de um apartamento localizado em um ponto cobiçado por uma construtora. Essa empresa pretende construir um novo empreendimento no local, mas para isso necessita comprar todas as unidades do edifício em questão. Lara, a moradora protagonista, se nega a vender seu apartamento por questões subjetivas. A partir desse momento, a história se aprofunda, perpassando diversas simbologias que nos remetem criticamente à ideologia mercadológica vigente e, por vezes, naturalizada na concepção de muitos moradores da cidade. Nesse sentido, a trama é bastante rica em metáforas sobre os rumos que a cidade tem tomado.

Palavras-chave: Cidade; Especulação imobiliária; Mercado.

ABSTRACT

The award-winning Brazilian film, Aquarius, tells the story of a resident and owner of an apartment located at a point coveted by a construction company. This company intends to build a new enterprise in the locality, but for this it needs to buy all the units of the building in question. Clara, the resident protagonist, refuses to sell her apartment for subjective reasons. From that moment the history begins to be more profound, permeating various symbolologies that critically refer us to the prevailing market ideology and sometimes naturalized in the conception of many city dwellers. In this sense, the plot is very rich in metaphors about the directions that the city has taken.

Keywords: City; Speculation; Market.

Aquarius

(Brasil, 2016, 142 minutos)

Direção: Kleber Mendonça Filho

Gênero: Drama